

Eis o primeiro número de «Dusenía».

É um fascículo de apresentação simples e singela, sem maiores pretensões senão as de iniciar uma longa série de semelhantes. Semelhantes quanto ao teor e apresentação material.

As deficiências que apresenta, porém, certamente serão indicadas pelo benevolo leitor para que possam ser suprimidas nos números seguintes.

Reiteramos novamente, neste primeiro fascículo, a nossa promessa de não poupar esforços, nem medir sacrifícios para continuar a obra que nos propusemos realizar como contribuição em prol da ciência no Brasil.

Por ora, não podemos fazer mais.

Temos a absoluta certeza que os próprios fascículos da revista realizarão melhor que outros atos, a campanha para a consecução das indispensáveis amizades.

Resta-nos agradecer aos que em nós depositaram a sua confiança, da qual procuraremos sempre ser fieis depositários.

Para a peregrinação de «Dusenía», que ora se inicia, é este o nosso desejo:

Corre o Mundo e consigai os teus amigos para que tenhas sempre quem brindar, de ano para ano!

Janeiro de 1950

O Editor

PÉR KARL HJALMAR DUSÉN

Ao iniciarmos a publicação de um órgão científico cujo nome foi escolhido com a finalidade de homenagear um cientista de amplas atividades, justo é que no primeiro fascículo da série que ora se inicia seja lembrada a vida e obra deste incansável laborador que foi PÉR KARL HJALMAR DUSÉN. Se escolhemos o nome deste botânico para o da revista, fizemo-lo com o intuito de manter viva a lembrança e a gratidão que o Brasil Meridional, particularmente o Paraná, deve a um homem que devotou vários anos de sua laboriosa vida ao estudo da flora riquíssima que nos rodeia e para cuja sistematização lançou o fundamento indispensável. Infelizmente este fundamento até os dias em curso não foi totalmente aproveitado. Esperamos poder apresentar nas páginas desta revista - no decorrer do tempo - uma série de contribuições baseadas no material colhido por P. DUSÉN. Para tanto esperamos contar com a colaboração de botânicos que venham a se interessar no aproveitamento de uma coleção básica como é a coleção Dusén.

Nas linhas que se seguem aproveitamos quase que integralmente a bio-bibliografia publicada por F. C. HOEHNE, em "Araucarilândia"*) cuja reprodução nos foi gentilmente autorizada pelo autor, ao qual deixamos aqui consignados, os nossos sinceros agradecimentos.

"PÉR KARL HJALMAR DUSÉN, falecido em 22 de Janeiro de 1926, na cidade de Tranas, com a idade de 70 anos, foi, dos botânicos modernos, aquele a quem nosso país ficou devendo o melhor trabalho que se tem logrado fazer sobre a flora do Paraná."

"Em o nosso país o seu passamento foi sentido por quantos tiveram conhecimento dos seus trabalhos e lamentado por todos que lidaram com êle. DUSÉN era de índole boa, mas bastante retraído, um indivíduo que sacrificava as relações sociais em prol das ciências."

Essa impressão teve também F. C. HOEHNE ao conversar com êle a única vez, no recinto do Museu Nacional, no ano de 1909, quando DUSÉN voltava de uma viagem ao Paraná. Idêntico juízo formaram dêle os botânicos europeus e as pessoas que, no Paraná, chegaram a conhecê-lo.

*) Hoehne, Frederico C., 1930, Araucarilândia - Observações geraes e Contribuições ao Estudo da Flora e Phytophysionomia do Brasil, Secr. Agric. Ind. Com. S. Paulo, Dir. Public.

"H a r m s que verteu a sua biografia do sueco para o alemão e que teve muitas oportunidades para lidar com êle, terminou nas notas bio-bibliográficas, com as seguintes palavras:"

"D u s é n foi um indivíduo calado, uma natureza bem retraída; dotado, porém de um humor sêco. Sem fazer grande alarde, sem doutrinar, seguia o seu caminho. O trabalho foi sua principal preocupação. A sociedade e as diversões foram sempre postas em segunda ordem de importância. Quiêto, como vivera, deixou êste mundo e abalou-se para a eternidade. Apenas um amigo acompanhou-o, do seu retiro isolado, a que se refugiara nos últimos dias, para o cemitério de Vinnerstad, em Oestergoetland."

"Vejamos, porém, quão grande foi a soma de trabalhos que êle realizou e como conseguiu conquistar renome no mundo científico, como botânico."

"Nos anais da Sociedade Alemã de Botânica *) assim é feita a sua biografia e seu necrológio pelo Dr. H a r m s:"

"D u s é n nasceu a 4 de Agosto de 1855, em Vimmerby (Província de Smaland), onde seu pai fôra reitor de uma escola primária. Depois de haver absorvido o curso da Escola Técnica Superior, de Stockholm, formou-se êle alí, em engenharia mecânica e exerceu essa profissão em Karlstad até 1880. Sua natural inclinação para o magistério contribuiu, entretanto, para que abandonasse essa profissão e aceitasse o cargo de professor de Ciências Naturais e Matemáticas da Escola Popular, que exerceu de 1880 até 1898. O interesse para a botânica despertou nele muito cedo, provocado talvez pelo seu primo K. F. D u s é n, de Kalmar, que foi fitologista distinguindo-se grandemente como florista e briologista. Os musgos foram para P é r D u s é n o primeiro incentivo e a êles votou atenção durante grande parte de sua vida. O primeiro trabalho que publicou foi sobre a interessante flora e geologia da região de Omberg, em Oestergoetland."

"A Suecia tornou-se para D u s é n um campo pequeno demais. Êle desejava conhecer as floras de outros países. Em junho de 1890, seguiu, por isso, para a África Oriental, onde se fixou durante algum tempo em Kamerum, exercendo o cargo de cartógrafo e pesquisador geólogo e botânico, da firma comercial V a l d a u, K n u d s o n e H e i l b o r n. Naquela mesma ocasião trabalhava alí o botânico alemão Dr. P. P r e u s s, e êste o auxiliou de algum modo em seus estudos botânicos."

*) H a r m s, 1926, Berichte der Deutschen Botanischen Gesellschaft, vol. XLIV, 2, Abril de 1927.

“Terminado o ano de contrato naquele emprego, D u s é n pôde obter auxílios de diversos institutos e amigos particulares para poder dedicar-se mais outro ano exclusivamente à ciência. E, dêste modo logrou reunir uma coleção de 1.500 plantas vasculares e não menos do que 30.000 musgos, sem prejudicar os levantamentos cartográficos e as pesquisas geológicas, como se pode ver pela publicação: «Om nordvaestra Kamerunnområdets Geologi» (1). Sobre suas viagens e pesquisas, relatou de modo bem interessante, no artigo: «Om Kamerunnområdet» (2). As coleções briológicas estudou e publicou em duas partes: «New and some little known Mosses from the west coast of Africa» (3). O ardor com que se entregava às coletas de material, podemos avaliar pelo fato de descrever mais de 300 espécies que eram desconhecidas até aquela época e ainda pelo que afirmou o eminente briologista V. F. B r o t h e r u s, quando o classificou o «verdadeiro descobridor da briologia da África Oriental»”.

“No ano de 1895, D u s é n obteve uma colocação como botânico da Expedição à Patagonia e Terra do Fogo, chefiada por O t t o N o r d e n s k j o e l d. Os resultados dessa viagem foram divulgados na obra sobre ela escrita por seu chefe, sob o título «Svenska Expeditionen till Magellanslaenderna» e constituem as seguintes memórias: «Die Gafaeapflanzen der Magellanslaender nebst einen Beitrag zur Flora der Ostkueste von Patagonien» (8); «Die Pflanzenvereine der Magellanischen Vegetation» (19); «Ueber die tertiaere Flora der Magellanslaender» (7). Além dessas monografias podemos mencionar os seguintes artigos: «Den eldslaendska oegruppens vegetation» (4); «Ueber die Vegetation der Feuerlaendischen Inselgruppe» (5). Os musgos foram estudados juntamente com os de coleções feitas anteriormente por outros viajantes e publicados nas contribuições de D u s é n para a briologia das Terras Magellânicas e do oriente da Patagonia e Sul do Chile (15, 20, 21, 22, 23).”

“Em 1896, quando ali se encontrava D u s é n, o Governo do Chile, organizando um expedição para explorar o curso superior do rio Aysén, bem como estudar a linha divisória das águas dos tributários dos dois oceanos, para regularização dos limites entre o Chile e a Argentina, convidou-o para tomar parte na mesma. Depois de ligeira visita à Ilha Chiloe e às de Guaytecas - especialmente ricas em musgos - alcançou êle, assim, em Janeiro de 1897, a fóz do rio mencionado, numa latitude sul de 45° 23' e 30". Depois de doze dias de viagem de canoa, foi obrigado a presidir à abertura de uma picada através da floresta virgem, em que o avanço diário não excedia de três quilômetros. Depois de seis semanas, cheias de peripécias e sacrifícios, a comitiva alcançou o seu

destino e a volta demorou apenas cinco dias. A colheita de plantas vasculares novas foi pequena; tanto mais rica, porém, aquela dos musgos. Estudando-se o seu trabalho «Från Patagoniens vestkust till Pampas-Området på Kordillerans oestrasida» (6), observa-se que Dusén nunca perdeu tempo”.

“Uma série de excursões foram então encetadas por ele e F. W. N e g e r, para diferentes regiões do Chile. Em colaboração, os dois publicaram sôbre as mesmas a bela obra ilustrada «Chilenisch-Patagonische Charakterpflanzen» (25).”

“Além dêstes devemos mencionar o seu trabalho «Zur Kenntnis der Gefaespflanzen des suedlichen Patagoniens» (10). Da Patagonia tratam ainda os seguintes: «The vegetation of western Patagonia» (16); «Patagonian and Fuegian Mosses» (17); «Catalogue of Musci of Patagonia and Fuegia» (18).”

“No inverno de 1899 atravessou Dusén os Andes, exatamente dois graus ao norte do rio Aysén, na região do Nahuelhuapi.”

“No verão de 1897 foi equipada uma expedição, que sob a direção de A. G. N a t h o r s t, com a baleeira «Antarctic», devia descobrir as pegadas do infortunado explorador do polo Norte, Snr. A n d r é e. Dessa Dusén também tomou parte como botânico, cartógrafo e fotógrafo. A viagem efetuou-se ao longo da costa ocidental da Groenlandia entre 70° e 75° de latitude setentrional. Dusén realizou nela o seu trabalho mais importante sob o ponto de vista científico-geográfico. No curto período de apenas duas semanas e meia, levantou e reproduziu, em escala de 1:500.000, todo o até então malconhecido Fjord do Imperador Francisco José e redescobriu e levantou o do Rei Oscar. Com infatigável atividade e energia incrível efetuou êsse trabalho, não se dando tempo mesmo para comer ou dormir. Nathorst elogiou-o com palavras expressivas. Dusén mesmo relata a viagem na memória «Om Kartlaeggningen of Kejsar Franz Josefs Fjord och Konung Oscars-fjord» (9). E, apesar do imenso trabalho assim realizado, Dusén ainda teve tempo para realizar pesquisas florísticas bem profundas. Para a Groenlandia registrou, por exemplo, as espécies *Carex ustulata*, *Luzula campestris* Buch., *Trapa repens*, e descreveu a nova variedade *Saxifraga oppositifolia* var. *Nathorstii* (11). Uma parte do Fjord Francisco José recebeu, em sua honra, o nome Fjord Dusén. Os seguintes trabalhos registram os resultados dessa viagem: «Zur Kenntnis der Gefaespflanzen Ost-Groenlands» (14); «Beitraege zur Flora Ost-Groenlands und der Insel Jan Mayen» (13) e «Beitraege zur Laubmoosflora Ost-Groenlands und der Insel Jan Mayen» (12).”

"Mais ou menos um ano depois de uma permanência na pátria, durante a maior parte da qual foi amanuense de Nathorst na Secção de Archegoniatae e plantas fósseis do Museu de Stockholm, renasceu nele o desejo de retornar aos antigos campos de trabalho da América do Sul. Assim encontramo-lo, em Setembro de 1901, no Brasil, ocupando o cargo de Assistente de Botânica do Museu Nacional do Rio de Janeiro."

"Na função desse cargo, exercido até 1904, visitou, em 1902 e 1904, a serra do Itatiaia, a mais alta do Brasil, sobre cuja flora tão interessante Ernesto Ule já havia escrito, na «Revista do Museu Nacional», do Rio de Janeiro, vol. I, 1896, pág. 185. Hemmendorff também já havia galgado essa serra antes de Dusén e escrito sobre ela na mesma revista (vol. III, 1903 pág. 1-120), sob o título «Sur la flore de la Serra do Itatiaia». O trabalho de Dusén saiu no «Arkiv för Botanik», de Stockholm (26)."

"Auxiliado pecuniariamente pelo Estado do Paraná, explorou Dusén a flora do mesmo, de Novembro de 1903 até Maio de 1904 e publicou sobre ela: «Neue Gefaespflanzen aus Paraná» (27) e «Ein neues eigentümliches Eryngium» (28)."

"Sua viagem depois dessa, foi bastante interessante e cheia de aventuras. Como conhecedor da região tomou parte numa expedição fínica que, sob o comando de Arthur Thesleff, de Buenos Aires, deveria examinar as possibilidades da colonização fínica na Patagônia. Do Porto de Santa Cruz (50° de latitude sul) ultrapassou essa os limites extremos da vegetação arborescente no lago Argentino. Depois, em direção aos grandes lagos Viedma e San Martín. Em uma altitude de 1.600 metros sobre o nível do mar, na serra ao norte do lago San Martín, a expedição foi envolvida subitamente por um forte temporal de neve. Uma parte dos animais de carga pereceu e parte dos víveres ficou perdida. Dusén separado dos demais membros da comitiva, graças ao desejo de explorar os arredores de cada acampamento, esteve prestes a morrer de fome e frio naquele infundo deserto. A expedição que começou a desfazer-se pôde, porém, recuperar as forças após um descanso de três semanas, em uma região rica de gramíneas forrageiras, próxima do rio Fossiles, e contentou-se em poder retroceder sem ter de lamentar a perda do naturalista. Apesar disso, Dusén tinha logrado coletar 1.500 exemplares de fanerógamas e 3.000 musgos. Desta colheita relata-nos o seu trabalho «Neue und seltene Gefaespflanzen aus Ost- und Suedpatagonien» (29)."

"Regressando a Buenos Aires embarcou imediatamente para a Suécia. Em 1907 demorava-se em Berlim e em Kew,

para estudar o material coletado."

"No verão de 1908, D u s é n voltou outra vez para o Paraná, onde então demorou quatro anos e meio. O Congresso desse Estado ofereceu-lhe a quantia de 15 mil coroas, caso quizesse prosseguir nos seus trabalhos por mais dois anos. Mas, logo, verificada a impossibilidade de se obter esses recursos pecuniários, voltou D u s é n, em fins de 1912, para a pátria levando uma coleção de 40.000 vegetais vasculares e 800 musgos. Mal tinha estado ali alguns meses foi, porém, surpreendido com uma ordem de 7.500 coroas, do Paraná, para ir continuar o trabalho de estudo da sua flora. D u s é n não vacilou um momento em retornar ao campo de pesquisas botânicas que se lhe tornara tão querido. Em fins de 1913, lá estava novamente e pela terceira vez. Para afastá-lo contribuiu depois a guerra mundial, que abalou também ali as finanças e determinou para D u s é n o dilema: voltar para a terra natal ou sacrificar o pecúlio particular de mais ou menos 8.000 coroas, que conseguira reunir no decorrer de tantos anos de ingentes trabalhos e sacrifícios. Ele optou pela última decisão. Em Maio de 1916 chegou, assim, a Suecia, sem quaisquer recursos, isto é, na sorte infeliz de uma existência votada inteiramente à ciência. Por simples acaso seus parentes e amigos ficaram sabendo disso, quando o encontraram quase na miséria, depois de haver gasto os recursos que apurara com a venda das coleções feitas. Graças a um arranjo prévio que demandou grandes esforços, foi possível fazer com que o Congresso do Parlamento Sueco, a título de medida extraordinária, lhe assegurasse uma pensão vitalícia de mais ou menos 3.000 coroas por ano."

"Com a extrema modestia e parcimônia natural, D u s é n ficou, porém, com a existência garantida e pôde dedicar-se inteiramente ao estudo do material que havia reunido durante os anos de viagens."

"Esse material compunha-se de 28.000 plantas vasculares, que representavam mais ou menos cinco mil espécies e, destas, foram constatados seis novos gêneros e mais de 100 espécies novas. D u s é n mesmo calculou a coleção feita por ele durante a existência, em 84.000 números de plantas vasculares e 94.200 o de musgos. O interesse para estes últimos, tão intenso no começo de sua vida, decresceu gradativamente com o avançar dos anos. Na sua viagem pelo Kamerum, colhera 30.000, na última feita ao Paraná, subiram apenas a 200. Embora a maior parte das coleções realizadas no Paraná tenha sido estudada por D u s é n mesmo, é natural que muitas espécies interessantes ou novas devam ainda existir nelas e só com o tempo poderão ser determinadas pelos vários especi-

alistas de Stockholm.”

Dignas de elogio são as preparações de excicatas feitas pelo naturalista em questão. Ele caprichava em levar sempre exemplares que tivessem todos os elementos necessários ao seu reconhecimento e preparava-os de modo admirável.”

“O autor dêsse necrológio não pretendia permitir-se o direito de fazer o julgamento sobre a atividade de Dusén, mas pretendia, ao contrário, mostrar apenas quão acidentada e ativa transcorreu a sua vida.”

“De distinções honrosas que Dusén recebeu, citemos apenas as seguintes: em 1904, coube-lhe o título de doutor *honoris causa* em filosofia, dado pela Universidade de Princeton, de New Jersey; em 1917, recebeu a medalha de ouro «Wahlenberg» da Sociedade Sueca de Antropologia e Geografia.”

“Muitas espécies colhidas por ele, receberam o seu nome e além disto também foi homenageado com a dedicação de gêneros novos. *Dusen* Brotherus (em Englers Botanische Jahrbuecher, vol. XX [1894] 195) é de musgo colhido por ele e que, agora foi reunido com *Forsstroemia* Lindb., segundo Brotherus, (em Engl. & Prantl «Die Natuerlichen Pflanzenfamilien», 2.^a edição, vol. XI [1925], pág. 88). *Dusen* O. Hoffmann (ex Dusén «Svenska Exp. Magellanslaender» III, n.º 5 [1900] pág. 247), é uma Compositae, redeterminada mais tarde *Duseniella* K. Schumann (Bot. Jahresbericht, vol. XXVIII, I, [1902] pág. 475). *Duseniella* Brotherus (em Engler & Prantl «Die Natuerlichen Pflanzenfamilien, I, 3 [1909] pág. 812 e na 2.^a edição, vol. XI [1925] pág. 161 é também um gênero de musgo.”

Até aqui Harms, traduzido por F. C. Hoehne.

Quanto à sua permanência no Paraná, desejamos trazer algumas notas sobre a atividade e as relações amistosas de P. Dusén.

Logo da sua chegada ao Paraná, teve Dusén amplas possibilidades de trabalho. Pelas procedências do material, entretanto, não se pode resolver se Dusén chegou ao Paraná por via terrestre ou marítima. É provável que se tenha servido do caminho marítimo e, pela impressão magestosa que a ferrovia Paranaguá-Curitiba oferece, parece perfeitamente compreensível que, apenas chegado em Curitiba, volte à uma das zonas de vegetação mais exuberante do Estado. Assim vemos, ainda em Novembro de 1903 - o mes de sua chegada - trabalhar ao longo da estrada de ferro que liga Curitiba ao Porto de Paranaguá.

Tão rendosa afigurou-se-lhe esta zona que, em suas três viagens ao Paraná, sempre volta os seus interesses para esta vegetação. Grande foi o número de excicatas aí preparadas e relativamente elevado o número de espécies desconhecidas dos botânicos. Por motivos especiais Dusén contentou-se em explorar as zonas percorridas pela estrada de ferro. Além da de Paranaguá, vêmo-lo explorar as ferrovias que de Curitiba levam à Rio Branco, à Itararé, à Lapa e de Ponta Grossa à União. Dusén pôde percorrer extensas zonas do Estado do Paraná talvez menos pela subvenção que o Congresso do Estado lhe havia votado, mas pelo auxílio de dois amigos incansáveis.

Em Curitiba o nome de Dusén se relaciona indelevelmente com os de dois dos seus mais dedicados companheiros: B. Rudolf Lange e C. J. F. Westerman, respectivamente Engenheiro e Diretor das então Estradas de Ferro do Estado do Paraná. Dusén ficou devendo a ambos a possibilidade de poder, calmamente, explorar todas as zonas nas quais o vagão especial, posto à sua disposição, pudesse permanecer durante alguns dias. O botânico patenteou sua gratidão e amizade para com os que o auxiliaram de modo tão eficiente, dedicando-lhes várias espécies novas, v. g., *Velloziella Westermanii* e *Lobelia Langeana*. Esta última é ainda uma das mais frequentes na serra do Mar. O Engenheiro B. Rudolf Lange foi também, ao menos quanto pudemos saber, o primeiro no Paraná a realizar uma coleção de Orchidaceæ, tanto cultivadas como preparadas para o herbário. A sua coleção - certamente uma das mais completas do Paraná - encontra-se atualmente depositada no Museu Paranaense. Com referência a ela, bem como à coleção Dusén, lamentamos profundamente que as duas coleções perdessem a sua individualidade. Ambas foram integradas na coleção geral do Museu Paranaense. A coleção R. Lange, ótimamente organizada e conservada, teve o seu cunho individual sacrificado, cunho êsse que bem traduzia o amor e interesse que B. Rudolf Lange votava à esta família. Um fichário bem organizado poderia ter evitado esta destruição.

Sobre o estado da coleção Dusén no Museu Paranaense o mundo científico recebeu contas através do artigo do Prof. Carlos Stellfeld, Diretor da Secção de Botânica Sistemática do referido Museu (Arquivos do Museu Paranaense, vol. II, pp. 61-78, est. IX, 1942).

Uma quarta personalidade completa êsse notável grupo de amigos. O exímio pintor Alfredo Andersen, de projeção internacional, era igualmente amigo de Dusén e à êle devemos um retrato a óleo do botânico, executado provavelmente por ocasião da sua derradeira viagem ao Paraná.

Bibliografia de P. Dusén

A seguinte lista de 29 trabalhos de Dusén, dos quais apenas um foi escrito em colaboração, constituem, provavelmente o legado do botânico, geólogo e cartógrafo. Tivemos êsses trabalhos em parte à nossa disposição. A grande maioria, entretanto, citamos da biografia de Harms, e nos esforçamos em apresentá-los em ordem cronológica dos anos de publicação. A ordem de elaboração ressalta mais ou menos claramente da biografia. Do total de 29 trabalhos, 26 versam sobre botânica e, entre êstes, alguns de ecologia vegetal. Aliás, Dusén não se preocupava apenas com a coleta de material, mas, muito pelo contrário, fez observações ecológicas e anatômicas muito interessantes.

- 1 - 1894, Om nordvaestra Kamerunnområdets in Geolog. Foerhandl. — 2 - 1894, Om Kamerunnområdets in Revista Ymer, fasc. 2 pp. 65-120, com mapa. — 3 - 1895-1896, New and some little known Mosses from the west coats of Africa in Svenska Vetenskaps-Akadem. Handl., XXVIII, n.ºs. 2 e 3. — 4 - 1896 Den eldslaendiska oegruppens vegetation in Bot. Notiser, pp. 253-278. — 5 - 1897, Uber die Vegetation der Fuerländischen Inselgruppe in Englers Botanischen Jahrbuechern, vol. XXIV, pp. 179-196. — 6 - 1897, Frän Patagoniens vestkust till Pampas-Området på Kordillerans oestra sida in Revista Ymer, pp. 199-220. — 7 - 1899, Ueber die tertiaere Flora der Magellansländer in Svenska Expeditionen till Magellanslaenderna: I, fasc. 2, n.º 4, pp. 87-107; 1905, pp. 251-248. — 8 - 1900, Die Gafaespflanzen der Magellanslaender nebst einen Beitrag zur Flora der Ostkueste von Patagonien *ibidem* III, n.º 5, pp. 77-266. — 9 - 1900, Om kartlaeggningen of Kejsar Franz Josefs Fjord och Konung Oscarsfjord in Revista Ymer, pp. 229-236. 10 - 1901, Zur Kenntnis der Gafaespflanzen des suedlichen Patagoniens in Oefvers. Vet. Akad. Foerhandl. Stockholm, LVIII, n.º 4, pp. 229-263. — 11 - 1901, Saxifraga oppositifolia var. Nathorstii in Bot. Notiser p. 73. — 12 - 1901, Beitræge zur Laubmoosflora Ost-Groenlands und der Insel Jan Mayen in Svenska Vet. Akad. Bihang, Afdr. 3, n.º 1. — 13 - 1901, Beitræge zur Flora Ost-Groenlands und der Insel Jan Meyen *ibidem* XXVI, Afdr. 3, n.º 13. — 14 - 1901, Zur Kenntnis der Gafaespflanzen Ost-Groenlands *ibidem* XXVII, Afdr. 3, n.º 3. — 15 - 1903, Beitræge zur Bryologie der Magellanslaender, von Westpatagonien

und Suedchile I in *Arkiv foer Botanik*, vol. I, n.º 12 pp. 441-465, tab. 18-28. — **16** - 1903, The vegetation of western Patagonia in Report of Princeton University and Expedit. Patagonia, 1896-1899, VIII, pp. 1-33. — **17** - 1903, Patagonian and Fuegian Mosses *ibidem* pp. 63-104. — **18** - 1903, Catalogue of Musci of Patagonia and Fuegia *ibidem* pp. 105-126. — **19** - 1905, Die Pflanzenvereine der Magellanischen Vegetation in Svenska Expeditionen till Magellanslaenderna: III, 2, n.º 10, pp. 351-523. — **20** - 1905, Beitræge zur Bryologie der Magellanslaender u. s. w. II *Arkiv foer Botanik* vol. 4, n.º 1, pp. 1-45, tab. 1-11 — **21** - 1905, Beitræge zur Bryologie der Magellanslaender u. s. w. III *ibidem* vol. 4, n.º 13, pp. 1-24, tab. 1-8. — **22** - 1906, Beitræge zur Bryologie der Magellanslaender etc. IV *ibidem* vol. 6, n.º 8, pp. 1-40, tab. 1-12. — **23** - 1906, Beitræge zur Bryologie der Magellanslaender etc. V *ibidem* vol. 6, n.º 10, pp. 1-32, tab. 1-6. — **24** - 1907, Neue und seltene Gefaespflanzen aus Ost- und Sued-Patagonien *ibidem* vol. 7, n.º 2, pp. 1-62, tab. 1-9. **25** - P, Dusén e F. W. Neger, 1908, Chilenisch-Patagonische Charakterpflanzen in Karsten & Schenk: Vegetationsbilder, VI, fasc. 8, tab. 43-48. — **26** - 1908, Beitræge zur Flora des Itatiaia in *Arkiv för Botanik* vol. 8, n.º 7, pp. 1-26, tab. 1-5. — **27** - 1909, Beitræge zur Flora des Itatiaia *ibidem* vol. 9, n.º 5, pp. 1-50, tab. 1. — **28** - 1910, Neue Gefaespflanzen aus Paraná (Suedbrasilien) *ibidem* vol. 9, n.º 15, pp. 1-37, tab. 1-8 — **29** - (1910?) Ein neues eigentuemliches Eryngium *ibidem* vol. 10, n.º 5, pp. 1-5, tab. 1.

Ralph J. G. Hertel

Novembro de 1949.